



José Gonçalves

Cotidiano da Sociabilidade na sociedade cacaucultura na obra de Inglês de Sousa

Apresentado no *Ciclo de Conferências sobre a obra
de Inglês de Sousa* - UNAMA e NAEA- setembro 2000



Rosa Acevedo

Pesquisadora do NAEA - UFPA

Meus movimentos, alguns com menos constância, ou com impulsos, sem igual intensidade, para aproximar-me da obra de Inglês de Sousa ocorreram em três momentos. Quando preparava minha tese de doutorado sobre a transição do trabalho escravo ao trabalho livre no Pará dos séculos XVIII e XIX. Meu orientador, Prof. Ruggiero Romano, insistiu bastante em que buscasse um encontro com a literatura. Li duas obras de Inglês de Sousa – **O Coronel sangrado** e **O Cacaulista** – e marquei as passagens nas quais o autor descrevia relações sociais escravistas e as formas de submissão. Pareceram, todavia, essas relações menos evidentes que aquelas descritas por Dalcídio Jurandir, no Marajó. Hoje seria mais prudente em fazer esta afirmação tratando-se de formas de submissão e poder retratados na obra de Inglês de Sousa.

A segunda passagem foi na oportunidade de investigar os grupos negros do rio Trombetas; ali estava a sociedade cacaucultura, como se refere Mauro Barreto. A presença do negro na região se relacionava a esse tempo florescente do cacau. Inglês de Sousa não os menciona diretamente. Esses grupos tinham uma longa experiência de fugas e de formação de quilombos. Os antepassados dos meus entrevistados estavam na passagem do século XX, acima das cachoeiras ou nos castanhais onde criaram formas de organização do trabalho e da sociedade, relativamente autônomas, de costas ao regime de apropriação das terras dos fazendeiros cacaucistas.

O terceiro momento foi a oportunidade de trocar experiências de leitura das obras de Inglês de Sousa quando discutia a dissertação de mestrado de Marcos Vinnícius Cavalcanti Leite. Desta interação cresceu a admiração pela obra de Inglês de Souza, compartilhando várias preocupações, detalhes de relações, de gestos e palavras que se apresentavam como chaves de leitura encontradas por Marcus Vinnícius Cavalcanti. Nestes exercícios procedíamos a discutir e discerníamos sobre o sentido.

Mauro Barreto, neste texto que me foi apresentado para comentar, procede a uma leitura etnográfica. Premeditadamente, trata o conjunto da obra, no primeiro e segundo parágrafos, como "*documento ecológico e sociológico do interior do Pará*" ou "*documento exato e minucioso*" como Peregrino Júnior se antecipou a classificar. Quer dizer que a narrativa literária é concebida e tratada como fonte documental. A etnografia do autor revela o cotidiano, informando sobre uma monotonia dentro do qual são construídas relações sociais, afetivas, econômicas, políticas, e significados. O texto aportaria uma série de códigos que significativamente produzem os esquemas de sociabilidade da vida amazônica, os costumes de todos os "segmentos" da terra, o quadro de um tempo do baixo Amazonas da cacaucultura.

Nesta construção o autor é cuidadoso e elabora o painel do ribeirão e da cidade, com o consentimento daqueles parágrafos e páginas versáteis e ricas que o escritor Inglês de Souza abriu para os leitores de todos os tempos. Neste fragmento do seu trabalho discorre, de forma articulada, uma leitura sociológica que não se permite pausas pois o painel é para ser observado acompanhando através de suas passagens suaves. Essa leitura não é feita sem deixar de se deter em outras interpretações ou construções

como a de Bates, Spix e Martius, lado a lado com Coudreau e Barbosa Rodrigues, para quem o Baixo Amazonas foi tão familiar.

Os fragmentos tirados por Mauro Barreto da trilogia que forma as *Cenas da Vida do Amazonas*, permite imaginar, visualizar um dia comum e outro rompendo o cotidiano-um é o dia de trabalho e outro o da festa. Essa orientação também permite pensar se estamos nas estações do calendário agro-extrativo, penetrando no tempo da safra da castanha, ou naquele momento de pesca, de caça de tartaruga, de pesca ou salga de pirarucu. As festas nos castanhais adquirem uma dimensão nova como momentos da sociabilidade dos grupos familiares que durante quatro ou cinco meses estabeleciam outra rotina de vida, de trabalho, de lazer e reafirmavam um contrato com um patrão.

Neste ponto é possível fazer o primeiro reparo ao conjunto do trabalho que não aprofunda a tão complexa noção de tempo. Para Mauro Barreto, ela ficou desaparecida num único contraste entre tempo do relógio (da cidade) e o ritmado por indicadores de um tempo social diferente: a hora do banho, do almoço, das tarefas da mulatas na cozinha, ou a mais coletivo da sesta e das conversas pelas tardes que não é, entretanto, frisada como sendo uma outra experiência temporal dessa sociedade.

Foi um procedimento a discorrer sobre as categorias – famílias, vizinhança, ou observando estranhamento e intimidade, mas essas observações foram feitas de maneira que me pareceu compacta. Outra categoria é sociabilidade, tratada de forma ampla pelo autor quando poderia buscar quais os códigos estabelecidos – talvez produtos das tensões ou das traições tão bem apontadas por Gutemberg Guerra, quando comentou o estudo de Marcus Vinnicius Cavalcante. Esses códigos de submissão se fazem acompanhar de uma gestualidade, de palavras com suas tonalidades o que ampliaria a leitura da sociedade regional.

A sociabilidade captada pelo autor não passa a delinear as diferenças e prevalece uma certa homogeneidade ou uniformidade. A obra de Inglês de Souza facilita penetrar em vários campos da sociedade cacaucultora e descrever as formas, os limites dessa sociabilidade. O cotidiano tem uma grande capacidade de se preencher dessas formas. Com este tratamento de materiais poderíamos nos aproximar de uma realidade que é cotidiana. Nessa realidade também o espaço, os objetivos e os movimentos, as linguagens das personagens cobram outra dimensão a ser explorada. Talvez seja outra possibilidade latente no seu trabalho.

A leitura do trabalho causa um certo desconforto quando Mauro Barreto, leitor de Inglês de Sousa se apressa para marcar as mudanças. Isto de fato imprime um sentido que não entra em sintonia com o propósito implícito do romancista, que divaga na descrição de uma sociedade cacaucultora que se mantém nos limites dos seus conflitos.

Literatura e história mostraram uma intrincada possibilidade de construção de leituras da realidade, do cotidiano, do tecido social das sociedades e mundos nascidos à margem do rio Amazonas, através do estudo elaborado por Mauro Barreto, que consegue indicar espaços e tempos de construção dessas sociedades, com a capacidade e implícita intenção de apresentar questões para o seu presente, marcado por um ritmo rápido de mudanças.



José Escobar